

## A PRÁTICA DA LIBERDADE SOB A PERSPECTIVA DE JORGE AMADO E JEAN-PAUL SARTRE: UM REEXAME DE CAPITÃES DA AREIA

Thais Aparecida Dibbern<sup>1</sup>; Mauro Cardoso Simões<sup>2</sup>

*“Desconfiai do mais trivial, na aparência singelo.  
E examinai, sobretudo, o que parece habitual.  
Suplicamos expressamente:  
não aceiteis o que é de hábito como coisa natural,  
pois em tempo de desordem sangrenta, de confusão organizada,  
de arbitrariedade consciente, de humanidade desumanizada,  
nada deve parecer natural nada deve parecer impossível de mudar”  
Bertolt Brecht - Nada é impossível de mudar*

### Resumo

O presente artigo tem como objetivo traçar um diálogo entre a obra “Capitães da areia” de Jorge Amado, com os pressupostos filosóficos de Jean-Paul Sartre acerca da liberdade, considerando-a enquanto condição humana. Para tanto, entrecruzamos as obras, de modo a articular ambos os trabalhos com base no conceito de liberdade concebido por Sartre. Como forma de organização, o artigo divide-se em duas partes, além de uma breve introdução e considerações finais. A primeira delas busca apresentar os pressupostos de Sartre acerca da liberdade, tendo como base os seguintes tópicos: qual o conceito sartreano de liberdade?; o que é ser livre?; existem limites à liberdade?. A segunda parte do artigo pretende apresentar o diálogo traçado entre as respectivas obras e teorias, uma vez que entende-se que Amado soube explicitar de forma clara e precisa o conceito de liberdade constituído por Sartre, bem como problematizar e representar a realidade da época. A interdisciplinaridade do trabalho encontra-se no diálogo que se propõe a promover a interlocução e compreensão das relações existentes entre a literatura e a filosofia. Enquanto resultado, compreende-se que Amado (2009) soube explicitar de forma clara e surpreendente os pressupostos de Sartre sobre a liberdade, considerando-a enquanto condição humana, visto que somos condenados a sermos livres. Assim, durante a narrativa da obra literária, o “ser-em-si” fora dissolvido para grande parte dos meninos, os quais passaram a moldar-se segundo sua própria liberdade, constituindo suas essências, direcionando-se para o “ser-para-si”, isto é, para novos horizontes e possibilidades de ser.

**Palavras-chave:** capitães da areia; liberdade; condição humana; interdisciplinaridade.

### Abstract

This article aims to draw a dialogue between Jorge Amado's work “Capitães da Areia”, with Jean-Paul Sartre's philosophical assumptions about freedom, considering it as a human condition. For this purpose, for an in-depth project, it is not a tool of knowledge, but as readings and bibliographical revisions of / about a literary work mentioned above, in order to articulate all the works based without concept of freedom projected by Sartre. As a form of organization, the article is divided into two parts, plus a brief introduction and final considerations. The first one seeks to present Sartre's assumptions about freedom, based on the following topics: What is the Sartrean concept of freedom? What is freedom?; are there limits to freedom ?. The second part of the article intends to present the dialogue drawn between the respective works and theories, since it is understood that Amado was able to explain in a clear and precise way the concept of freedom constituted by Sartre, as well as to problematize and represent the reality of the time. The interdisciplinarity of work lies in the dialogue that aims to promote the interlocution and understanding of the relations between literature and philosophy. As a result, it is understood that Amado (2009) was able to explain in a clear and surprising way Sartre's assumptions about freedom, considering it as a human condition, since we are condemned to be free. Therefore, it was obtained that during the narrative the "being itself" was dissolved for a large part of the boys, who began to shape themselves according to their own freedom, constituting their essences, turning to the "being for themselves", that is, to new horizons and possibilities of being.

**Keywords:** Capitães da areia; freedom; human condition; interdisciplinarity.

---

1 Doutoranda em Política Científica e Tecnológica pelo Instituto de Geociências da Unicamp. Mestra em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e Bacharela em Gestão de Políticas Públicas pela mesma Universidade. Pesquisadora do Laboratório de Estudos do Setor Público e do Observatório de Direitos Humanos da Unicamp. E-mail: dibbern.thais@gmail.com.

2 Professor do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas da FCA/UNICAMP. E-mail: mcsimoes1973@gmail.com.

## 1. Introdução

No início do século XX, em resposta ao recente processo de industrialização, a infância e adolescência passaram a ser assunto abordado no âmbito da literatura universal, especialmente no estilo chamado “romance humanitário”. A literatura tornava-se uma maneira de representar a realidade da vulnerabilidade de crianças e adolescentes na época, evidenciando-se temas como o abandono e a violência contra tais atores, sendo traduzidos para uma linguagem popular a materialização da miséria humana e o sistema social perverso (CANDIDO, 2007). Desse modo, apropriar-se da literatura, consistia, e ainda consiste, em uma forma de compreender a realidade, isto é, um exercício de interpretação e de transgressão do real.

A história de Jorge Amado, publicada primeiramente em 1937, narra as aventuras e peripécias de um grupo de meninos de rua da Bahia durante a década de 1930. O bando de menores, abandonados e marginalizados, perambula pelas ruas da cidade de Salvador, a qual é palco de pequenos delitos cometidos por estes, sendo também marcada pela fragmentação de classes sociais<sup>3</sup>. O grupo, popularmente conhecido como “Capitães da areia”, sobrevive, predominantemente, a partir dos furtos cometidos, pequenas trapaças e, devido à desvinculação familiar destes, apoiam-se uns aos outros como meio de proteção, bem como forma de encontro mútuo com vistas à possibilidade de coexistência em grupo (KUSTER, 2013).

De acordo com Amado (2009), os capitães da areia eram os que mais conheciam a cidade, passeavam livremente e ocupavam um trapiche abandonado próximo à praia. Estes, contudo, eram desprezados e rejeitados pela maioria dos habitantes da cidade, devido justamente à fama de ladrões que carregavam. A obra, desse modo, produz uma crítica social à infância roubada de tais meninos, bem como assinala a marginalização social que perpassa toda a história. Amado escancarou, em pleno Estado Novo, o universo delinquente juvenil, tendo como resposta a apreensão de todos os exemplares da primeira edição do livro, sendo estes queimados em praça pública com o argumento de que eram simpatizantes à vertente comunista (COHEN, s/d). Destaca-se que, assim que pôde voltar à circulação, em 1944, a obra tornou-se um dos maiores sucessos do autor, uma vez que, retratando brilhantemente a vida das crianças e jovens infratores da época em questão, a história não perdeu a atualidade. Amado buscou através das palavras, aproximar o leitor à sua realidade, podendo servir também como instrumento

---

<sup>3</sup> Destaca-se que, em meio ao processo de modernização almejado para as grandes cidades brasileiras durante o período referido, disparidades socioeconômicas marcavam o cenário do país afora.

de análise histórica, visto que representa a realidade a partir das tensões sociais existentes na época:

A obra de Jorge Amado põe o povo no centro de seu próprio processo de criação e análise, numa literatura em que o povo é ator e não mais assunto, assumindo foros de consciência de seu estar num mundo de opressões e injustiças (ARAUJO, 2003, p. 15).

Desse modo, tendo como principais personagens: *Pedro Bala*, *Sem-pernas*, *Gato*, *Professor*, *Pirulito*, *Boa-vida*, *João Grande*, *Dora*, *Pedro José Pedro* e *Querido-de-Deus*, Amado (2009) os apresenta enquanto partes constituintes do organismo que forma os “Capitães da areia”, isto é, o enredo se dá por meio da transposição do individualismo ao coletivismo, dando a entender que a figura do indivíduo apenas existe na voz do grupo, à coesão grupal, estando a força no grupo e não no individual. Sendo assim, através de seus personagens, o romancista protagoniza “um lento amadurecimento rumo à consciência política, abraçando as causas operárias e dos trabalhadores em geral, na resistência à miséria e à injustiça” (DOS SANTOS, 2009, p. 27). Logo, produz uma representação de uma sociedade classista marcada pela divisão entre explorados e exploradores e, ao mesmo tempo, apresenta uma visão positiva acerca do oprimido, localizando sua dignidade à própria resistência à opressão e às violações aos direitos humanos, bem como na luta cotidiana por sua superação e sobrevivência. Ademais, a oposição entre ricos e pobres não é a única no plano das diferenças, a discriminação contra as religiões também é um aspecto abordado.

Nesta perspectiva, Amado extrai desses personagens as experiências diárias em um ambiente marcado pela pobreza, sendo cada um deles cercado por tragédias familiares e socioeconômicas:

[...] crianças abandonadas que viviam do furto. Nunca ninguém soube o número exato de meninos que assim viviam. Eram bem uns cem e destes mais de quarenta dormiam nas ruínas do velho trapiche. Vestidos de farrapos, sujos, semi-esfomeados, agressivos, soltando palavrões e fumando pontas de cigarro, eram, em verdade, os donos da cidade, os que a conheciam totalmente, os que totalmente a amavam, os seus poetas (AMADO, 2009, p. 22)

Entretanto, uma criança em particular chamava a atenção, Pedro Bala, que liderava as ações e os trabalhos do grupo de meninos, trazendo “nos olhos e na voz a autoridade de chefe” (AMADO, 2009, p. 22). Foi a partir de sua graça e ousadia que a cidade começou a escutar sobre os “capitães da areia”; contudo, também foi a partir deste que Amado revelou sua crença na capacidade do homem tornar o mundo mais

justo, considerando para isso a luta e a ação: “o sofrimento, a vida em desamparado são condições básicas para a formação do caráter do jovem herói que, no final do romance, já conscientizado, se põe a contestar as estruturas do sistema social” (DOS SANTOS, 2009).

Outro personagem de destaque é Sem-pernas, um menino que, após ser pego pela polícia e torturado, passou a odiar tudo e a todos, inclusive os companheiros do próprio bando; Professor, personagem de notoriedade, era especialista no roubo de livros; Gato, conhecido por ser um dos mais bonitos, era considerado o mestre das malandragens; Dora, a única “capitã da areia”, era visualizada na figura feminina de mãe, de irmã e, em alguns momentos, de amante, mas sobretudo, visualizada na figura de uma menina forte; Volta-seca dizia-se afilhado de Lampião, sonhava fazer parte de seu bando e odiava as autoridades; Pirulito era considerado o mais cruel do grupo e converteu-se à religião com os ensinamentos do padre José Pedro. Destaca-se, também, as fortes personalidades dos demais personagens, como Boa Vida, que contentava-se com o suficiente para garantir o bem-estar do grupo e João Grande, menino negro respeitado pelos “capitães” por sua coragem e força.

Demais figuras aparecem na trama, como Querido-de-Deus, sendo este admirado pelo grupo, ensinava sua arte e exercia grande influência sobre eles; padre José Pedro, que assumia a missão de orientar e levar conforto espiritual a eles; Dalva, amante de Gato; João de Adão, que permitiu a Pedro Bala saber das origens de seu pai; Don’Aninha, mãe de santo que socorria o grupo em caso de doenças e necessidades; Caboclo Raimundo, chefe dos “capitães da areia” antes de Pedro Bala; Almiro, garoto de 12 anos que morreu de bexiga; Loiro, pai morto de Pedro Bala e líder sindical de greves antigas, juntamente com João de Adão e; Barandão, nomeado chefe dos “capitães da areia” após a partida de Pedro Bala rumo ao grupo de Índios Maloqueiros de Aracajú.

A obra, nesse sentido, traz consigo um modo de viver que, de forma trágica e oprimida, revela a pretensão de tais meninos pela liberdade, bem como contrasta suas aspirações e ingenuidades diante de uma classe dominante representada pela burguesia, pela Igreja e, também, pelo próprio Estado<sup>4</sup>. Desse modo, tendo como pano de fundo o confronto entre as classes sociais, a miséria das crianças acaba por ser representada pela

---

4 Em tal conflito de classes, destaca-se a representação da burguesia pelo Poder Judiciário, sendo este apoiado pela mídia e pelo clero. A Igreja, contudo, desprezava as classes humildes (exceto pelo padre José Pedro) e, o Estado, sendo representado pelo Reformatório, demonstrava sua força a partir da repressão e punição aos menores, sendo exercida, sobretudo, por policiais.

pobreza do local onde habitavam, o trapiche que, durante anos, foi frequentado apenas por ratos. Contudo, trata-se também de um espaço aberto e receptivo, simbolizando a liberdade pela qual almejavam, a liberdade das ruas.

À vista disso, considerando todo o contexto em que foi criada, bem como o brilhante enredo constituído por Jorge Amado, tomamos a obra como fio condutor deste trabalho, pondo-a em diálogo com os pressupostos filosóficos de Jean-Paul Sartre acerca da liberdade, considerando-a enquanto condição humana; ou seja, objetiva-se neste trabalho compreender a relação existente entre a obra literária de Amado e a obra filosófica de Sartre<sup>5</sup>.

Como forma de organização, o artigo divide-se em duas partes, além desta breve introdução e considerações finais. A primeira delas busca apresentar os pressupostos de Sartre acerca da liberdade, tendo como base os seguintes tópicos: qual o conceito sartreano de liberdade?; o que é ser livre?; existem limites à liberdade?. A segunda parte do artigo pretende apresentar o diálogo traçado entre as respectivas obras e teorias, uma vez que entende-se que Amado soube explicitar de forma clara e precisa o conceito de liberdade constituído por Sartre, bem como problematizar e representar a realidade da época. A interdisciplinaridade do trabalho encontra-se no diálogo que se propõe a promover a interlocução e compreensão das relações existentes entre a literatura e a filosofia.

## **2. O conceito sartreano de liberdade**

O conceito de liberdade é alvo de diferentes interpretações ao longo da história<sup>6</sup> e obteve especial destaque através da concepção de Jean-Paul Sartre, um dos mais importantes filósofos do século XX. A meta deste consistia em fazer valer sua concepção de homem enquanto liberdade, uma vez que entendia que este é o sujeito único de sua própria história, assim como constitui-se enquanto sujeito da história da humanidade (SCHNEIDER, 2006). Segundo Boechat (2004, p. 116), “a liberdade, longe de ser algo a ser conquistado e conferido como prêmio – visão própria do senso comum – surge com o ser como fato contingente”. Desse modo, em Sartre, a liberdade

---

5 Convém destacar a relação de amizade entre ambos os autores, como é apontado por Caubet (1989) e Bortoloti (2013). Segundo os autores, Jorge Amado era amigo de Sartre e foi este quem concretizou a vinda do filósofo e de sua esposa, Simone de Beauvoir, ao Brasil em 1960. Além disso, o escritor esteve como guia durante sua visita, em especial, durante a estadia na Bahia.

6 Para um melhor entendimento e compreensão dos conceitos de liberdade ao longo da história, ver Bueno (2007).

é definidora do “ser” e, a partir de tal concepção, consagra a liberdade fundamental do homem para viver, estando este condenado a ser livre e, por estar condenado, é responsável pelas escolhas que faz e pelo homem que se torna.

Pode-se dizer que a frase que resume toda o existencialismo sartreano é “a existência precede a essência” (BUENO, 2007, p. 19). Para o autor, o homem surge no mundo de forma indefinida, tendo a condição de fazer escolhas a partir de seu surgimento, constituindo-se a partir da plena liberdade humana, a qual não se depara com limites, a não ser aqueles que a própria liberdade os coloca. Desta maneira, ao afirmar que a existência precede a essência, o autor concebe que a escolha vai além do âmbito individual, uma vez que atinge a esfera social, pois ao escolher como se deseja ser, escolhe o mundo que pretende viver de forma ativa, interferindo nele e em outras liberdades. Neste sentido, “quando dizemos que o homem faz a escolha por si mesmo, entendemos que cada um de nós faz essa escolha, mas, com isso, queremos dizer também que, ao escolher por si, cada homem escolhe por todos os homens” (SARTRE, 2014, p. 20). Além do mais, ao considerar a frase lapidar, Sartre refuta qualquer tipo de determinismo, uma vez que considera que somos absolutamente livres:

(...) se, com efeito, a existência precede a essência, nunca se poderá recorrer a uma natureza humana dada e definida para explicar alguma coisa; dizendo de outro modo, não existe determinismo, o homem é livre, o homem é liberdade (SARTRE, 2014, p. 24).

Nessa perspectiva, o homem deve existir desacompanhado de subterfúgios e, caso os considere, agirá de má-fé, sendo fruto de suas próprias escolhas, de sua própria liberdade.

“Pode-se julgar um homem afirmando que ele age de má-fé. Ao definirmos a situação humana como sendo de uma escolha livre, sem escusas e sem auxílios, todo homem que se refugia por trás da desculpa de suas paixões, todo homem que inventa um determinismo, é um homem de má-fé. [...] A má-fé é, evidentemente, uma mentira, pois dissimula a total liberdade do engajamento” (SARTRE, 2014, p. 39)

Com efeito, Sartre considera que a existência humana é caracterizada pelo “ser-em-si” e pelo “ser-para-si”. No que diz respeito ao primeiro, pondera-se a presença do passado e da memória, bem como as condições estruturais que não se pode alterar, isto é, os condicionantes pelos quais não se detêm qualquer poder de escolha. O “ser-em-si”, desse modo, faz referência aos fatos pelos quais o sujeito não pode mudar, como por exemplo, “o meu físico e à constituição do meu organismo; à época e ao lugar em que

venho ao mundo; à sociedade, à classe social, à família” (SILVA, 2010, p. 271). Tais condições objetivas interferem na subjetividade do sujeito, porém, para que estes fatos pudessem constituir-se enquanto determinantes, o sujeito também deveria ser um fato. Mas, por representar os fatos para si, confere-lhes uma interpretação humana e subjetiva. Assim, “se o fato está fora do alcance da minha liberdade, o sentido que posso lhe atribuir – a maneira como o assumo para mim – está na esfera de minhas escolhas livres” (SILVA, 2010, p. 271).

Nesse sentido, o “ser-para-si” consiste nas novas escolhas, possibilidades e horizontes pelos quais o homem deve seguir, devido justamente à sua liberdade fundamental. Sartre (2014, p. 33) considera, então, a subjetividade do indivíduo, colocando “o destino do homem nele mesmo”, definindo-o pela ação. A liberdade, desse modo, representa a própria natureza da condição humana. Faz-se necessário destacar neste momento que, o “ser-em-si” está ao mesmo tempo no passado e no futuro, uma vez que novas escolhas também acarretarão em novos “em-si”.

No entanto, ainda nos referindo à frase “a existência precede a essência”, devemos assinalar que Sartre, de acordo com Bueno (2007), era um autor pós-metafísico. Desse modo, devido a nova tradição vigente, a qual não mais considerava que o homem detinha um destino traçado e que não haviam valores atribuídos por um ser metafísico, pode-se ponderar que as leis e os valores tidos como eternos já estavam ultrapassados. Assim, o homem:

(...) ao perceber assim como Nietzsche que Deus está morto, percebe também que os grandes ideais e que as pretensões por um absoluto também vieram por terra. Nesse sentido, não deixa de enfaixar o homem no próprio homem e de colocá-lo diante da responsabilidade inteiramente autônoma (SAYÃO, 2006, p. 78).

Logo, com a morte de Deus<sup>7</sup>, os homens passam a assumir o destino sob suas próprias mãos; as categorias de bem e mal são consideradas por estes de acordo com suas próprias consciências, afirmando-as ou negando-as; tudo torna-se transitório (BUENO, 2007). Nesse sentido, reconhece-se a supressão e superação de Deus, uma vez que podemos criar a partir de nós mesmos.

Segundo Sartre (2014, p. 44),

O existencialismo não é, sobretudo, um ateísmo no sentido de empenhar-se para demonstrar que Deus não existe. Declara, ao contrário, que, mesmo que Deus exista, isso não mudaria nada; este é o nosso ponto de vista. Não quer

---

7 Ver Nietzsche (2006).

dizer que creíamos que Deus existe, mas que achamos que o problema não é sua existência ou não. O homem precisa encontrar-se ele próprio e convencer-se de que nada poderá salvá-lo de si mesmo, mesmo que houvesse uma prova incontestável da existência de Deus. Nesse sentido, o existencialismo é um otimismo, uma doutrina de ação, e apenas por má-fé é que, confundindo seu próprio desespero com o nosso, os cristãos podem nos chamar de desesperançados.

Dessa forma, a escolha do homem é absolutamente livre, visto que transcende as situações objetivas, permitindo projetar o ser em direção a um vasto campo de possibilidades, a um futuro a se realizar (SCHNEIDER, 2006). O homem, nesse sentido, deve ser caracterizado enquanto liberdade e, ao fazer escolhas estará retratando o desejo que tem de tornar o “para-si” em “em-si”. Com efeito, o poder do “para-si” fundamenta o si, posto que “ao surgir no mundo como 'para-si', o homem faz surgir também todas as coisas” (BUENO, 2007, p. 24).

Se o ser-Em-si não pode ser o seu próprio fundamento nem o dos outros seres, o fundamento em geral vem ao mundo pelo Para-si. Não apenas o Para-si, como Em-si nadificado, fundamenta a si mesmo, como também surge com ele, pela primeira vez, o fundamento (SARTRE, 2015, p. 131).

Portanto, ao considerar que ao nascer o homem nadifica o “ser-em-si”, este lança-se para o futuro, para o “ser-para-si”, desenhando seu próprio destino, sua própria realidade, seu próprio ser. Em outras palavras, o homem ao nascer é livre e inexistente algo que determine sua história, seu destino, sua essência, uma vez que é a partir de sua existência que o homem configura sua própria essência.

De acordo com Sartre (2015, p. 543),

[...] a realidade-humana é seu próprio nada. Ser, para o Para-si, é nadificar o Em-si que ele é. Nessas condições, a liberdade não pode ser senão esta nadificação. É através dela que o Para-si escapa de seu ser, como de sua essência; é através dela que constitui sempre algo diverso daquilo que pode-se dizer dele, pois ao menos é aquele que escapa a esta denominação mesmo, aquele que já está além do nome que se lhe dá ou da propriedade que se lhe reconhece. Dizer que o Para-si tem de ser o que é, dizer que é o que não é não sendo o que é, dizer que, nele, a existência precede e condiciona a essência, ou inversamente, segundo a fórmula de Hegel, para quem “Wesen ist was gewesen ist” - tudo isso é dizer uma só e mesma coisa, a saber: que o homem é livre.

Nesse sentido, o homem esculpe sua própria essência, sua própria figura humana, constituindo como característica do homem livre sartreano seu próprio poder de eleição, visto que pode eleger ser tal pessoa a partir de sua condição de ser livre, sendo isento a seguir modelos, guias, valores e leis (MATEO, 1975). Desse modo,



através da ação é que o homem experimenta sua condição de liberdade solitária e intransferível. Com efeito, sendo um constante em nossas vidas, somos condenados a ser livres desde o nosso nascimento até a nossa morte, logo, diz-se que uma vez sendo livre, o homem é livre para todo o sempre, assim como reiterado por Sartre (2015, p. 543): “estou condenado a existir para sempre para-além de minha essência, para-além dos móveis e motivos de meu ato: estou condenado a ser livre”.

Em vista disso, por estarmos condenados a sermos livres e, ao mesmo tempo, podermos eleger ser tal ou qual pessoa, o homem precisa escolher os caminhos pertinentes para alcançar a realização de seu projeto. Contudo, escolher ser tal pessoa e os caminhos para alcançá-la não quer dizer a total realização do mesmo, sendo que este pode mudar o projeto original a qualquer momento, devido justamente a sua condição livre. Ainda assim, apesar de realizar o projeto eleito, “ao final, o homem não se terá encontrado porque é característico da realidade humana estar sempre em outro lugar, o Para-si é o ser que é o que não é e não é o que é” (BUENO, 2007, p. 31).

Assim, ao eleger-se e adentrar-se no mundo, o homem cria-se, portanto, além de ser absolutamente livre, é completamente responsável pelo homem que se torna, por aquilo que é. Mas, ao criar-se no mundo, encontra-se com o outro e, também, com sua constituição, uma vez que o reconhece como tal através de sua própria escolha. Desse modo, ao escolher-se, escolhe todos os homens e, conforme nossas escolhas e caminhos, é que iremos nos conectar e relacionar com os outros. Para Sartre (2015), a condição de ser livre não significa fazer o que se quer, mas sim querer fazer o que se pode e, portanto, por ser livre, cada um também é responsável pelo outro.

Destaca-se, então que:

A verdadeira liberdade não é liberdade de obtenção, mas liberdade de eleição. Ser realmente livre não é obter-se necessariamente o que se quer, mas determinar-se a querer por si mesmo: a liberdade humana está na autonomia da escolha. Não consiste em poder fazer o que se quer, mas em querer fazer o que se pode [...]. Essa liberdade de escolha não significa que o homem viva a agir a esmo, de qualquer maneira, imprevisivelmente, fazendo não importa o que queira, a qualquer momento, sujeito a uma série de impulsos arbitrários, caprichosos e gratuitos. Agir livremente não quer dizer “agir de maneira tal que pudesse ser de outra maneira (PERDIGÃO, 1995, p. 89-105).

Nessa perspectiva, outra característica do conceito sartreano de liberdade é que ser livre é escolher, isto é, possuímos a liberdade de eleição, o que não significa, necessariamente, obtenção de algo. Desse modo, temos que o homem é o ser absolutamente livre que elege ser o que deseja ser, abrindo mão de vários possíveis,

dado que ao escolher-se, nadifica a possibilidade de outros possíveis. Assim, é na experiência do agir que o homem tem consciência de sua liberdade e, ao descobrir-se como livre, o homem enxerga-se sozinho e responsável pelo seu próprio existir. “Por isso, o ato fundamental da liberdade é a eleição de si mesmo ou a posição do projeto originário” (MATEO, 1975, p. 31).

Deste modo,

Sendo liberdade ser-sem-apoio e sem trampolim, o projeto, para ser, deve ser constantemente renovado. Eu escolho a mim mesmo perpetuamente, e jamais a título de tendo-sido-escolhido, senão recairia na pura e simples existência do Em-si. A necessidade de escolher-me perpetuamente identifica-se com a perseguição perseguida do que sou (SARTRE, 2015, p. 591).

O homem, então, cria-se na e através da liberdade, sendo esta a condição essencial para a eleição e, ao elegermos, conseqüentemente, modificamos o mundo. Ser livre, contudo, não exprime a inexistência de obstáculos, mas reitera as adversidades que podem vir a surgir através de nossos próprios projetos, de nossas próprias escolhas. No âmbito de tal ideia, encontra-se questões acerca dos limites à liberdade que nos são impostos de forma objetiva e determinada. Sartre (2015), contudo, alerta que o homem só se torna livre a contar de seu nascimento, sendo incoerente pensar que, antes deste, possa existir algum modo de escolha e ação. Assim, considera-se que sua liberdade passa a existir a datar de seu surgimento no mundo e ação e, a partir das escolhas realizadas é que os limites começam a apresentar-se, limites criados a partir de nossa própria liberdade, de nossas próprias escolhas.

Nesse sentido, Sartre (2015, p. 595) declara, insistentemente, que:

É necessário [...] sublinhar com clareza, contra o senso comum, que a fórmula “ser livre” não significa “obter o que se quis”, mas sim “determinar-se por si mesmo a querer (no sentido lato de escolher)”. Em outros termos, o êxito não importa em absoluta a liberdade. A discussão que opõe o senso comum aos filósofos provém de um mal entendido: o conceito empírico e popular de “liberdade”, produto de circunstâncias históricas, políticas e morais, equivale à “faculdade de obter os fins escolhidos”. O conceito técnico e filosófico de liberdade, o único que consideramos aqui, significa somente: autonomia de escolha.

Isto posto, elegendo um projeto e interagindo com o mundo, o homem só encontra limites no campo de sua própria liberdade. Desse modo, aquilo que se constitui como obstáculo para um indivíduo, pode não ser para o outro. Destaca-se, contudo, que o homem surge em um mundo já significado e constituído por outros homens, o que pressupõe que tenhamos que compartilhar de tais significações já realizadas, em outros

termos, pelo fato de sermos livres, estamos em constante relação com as coisas que nos cercam. Apesar disso, as adversidades só se revelarão enquanto limites à luz de nossos próprios fins, assim como afirma Sartre (2015, p. 608):

É somente no ato pelo qual a liberdade descobriu a facticidade e captou-a como lugar que este lugar assim definido manifesta-se como entrave aos meus desejos, como obstáculo, etc. Caso contrário, como seria possível que fosse obstáculo? Obstáculo para que? Restrição de fazer o quê? [...]. Assim, a própria liberdade cria os obstáculos de que padecemos. É ela mesmo que, posicionando seu fim - e escolhendo-o como inacessível ou dificilmente acessível -, faz aparecer nossa localização como resistência insuperável ou dificilmente superável aos nossos projetos. Também é ela que, estabelecendo as conexões espaciais entre os objetos como tipo primordial de relação de utilidade, e decidindo a respeito das técnicas que permitem medir e franquear as distâncias, constitui sua própria restrição. Mas, precisamente, não poderia haver liberdade a não ser restringida, posto que liberdade é escolha. Toda escolha como veremos, pressupõe eliminação e seleção: toda escolha é escolha da finitude.

Fica claro, pois, que tais obstáculos e adversidades só acabam por adquirir sentido na e a partir de nossa condição de ser, agir e estar no mundo, em outras palavras, “enquanto houver vida, haverá liberdade de escolha e existirão limites, postos por esta liberdade que somos” (BUENO, 2007, p. 43). Desse modo, apesar de termos um passado irremediável, é por conta dele que o futuro se torna possível; apesar de estarmos cercados por diferentes objetos e possibilidades que podem estar pró ou contra nós, apenas nós podemos elegê-los enquanto limites; em síntese, apenas a nossa liberdade tem o poder de limitar a liberdade. Segundo Sartre (2015), somos absolutamente livres em todos os momentos, uma vez que nos constituímos a partir de nossas escolhas, de nossa existência, de nossa criação de nós mesmos.

Uma vez examinado os aspectos centrais da posição sartreana sobre a liberdade, pretende-se, a seguir, analisar as condutas livres dos principais personagens da obra literária “Capitães da areia” de Jorge Amado, colocando-as em diálogo de modo a compreender-se a categoria de ação livre bem como elucidar o que significa afirmar que o homem está condenado a ser livre.

### **3. A liberdade pela ótica dos meninos de rua**

Compartilhando de uma vida criminosa, o grupo de meninos, marginalizados desde muito cedo devido ao próprio abandono familiar e do Estado, foram alvo da vulnerabilidade social da época. Estes, contudo, justamente por serem obrigados a viver sozinhos, contando com a própria sorte para poderem sobreviver, assumiram a postura

de pessoas livres, adequando-se às condições sociais sob as quais eram submetidos, exigindo que estes escolhessem agir conforme suas próprias consciências e necessidades. Almejavam a liberdade das ruas, sendo esta compreendida não apenas como a liberdade de poder ir e vir de/para onde quiser, mas a liberdade característica do próprio ser, isto é, a liberdade de escolher ser, sendo a própria liberdade a única que poderia frear estas escolhas e eleições.

Desse modo, ao portarem consigo um passado carregado de injustiças e amarguras, revelam-se enquanto simples crianças que, por determinadas circunstâncias, são conduzidas a escolher permanecer na absoluta liberdade das ruas, visto que as possibilidades que lhes são apresentadas no decorrer da narrativa acabam não condizendo com aquilo que acreditam que podem se tornar, isto é, acorrentam-se ao enxergar que a única possibilidade de ser é aquela que já foi traçada durante o passado, sendo limitados pela sua própria liberdade, ainda que haja maneiras de contornar aquilo que passou.

A figura que melhor representa esta situação é de João José, o Professor, que tornara-se perito no furto de livros, bem como era detentor do dom de desenhar. Certa vez, desenhou um homem lendo um livro, mostrou-o e em meio a elogios, foi instigado a pensar sobre estudar desenho e seguir a carreira de pintor. De pronto, falou: “Deixa de ser besta, Bala. Tu bem sabe que do meio da gente só pode sair ladrão...Quem é que quer saber da gente? Quem? Só ladrão, só ladrão...-- e sua voz se elevava, agora gritava com ódio” (AMADO, 2009, p. 133). Professor, nesse caso, não conseguia enxergar novos horizontes para sua vida e dos outros; a realidade vivida impregnou de tamanha forma neste personagem, que ele não conseguia mais enxergar nenhuma possibilidade de ser outra coisa; sentia-se aprisionado pois permitia-se acorrentar-se a sua situação; agia de má-fé, nos termos de Sartre (2014).

Professor tinha consciência do contexto que viviam e do quão difícil seria obter oportunidades para mudar seu destino, que a seus olhos, era limitava-se apenas em ser ladrão. No entanto, ainda que pudessem justificar suas atitudes e mesmo sabendo que a culpa destas era uma consequência do abandono, não podia ser ingênuo em pensar que poderia tornar-se um homem bom, que não cometeria mais roubos e trapanças. Para ele, assim como para as outras personagens, se não a maioria, o destino já estava traçado, não sendo passível de alterações, transformações; a violência era, assim, a única forma de pertencer ao mundo.

No decorrer da narrativa, contudo, observa-se a relevância da personagem do padre José Pedro, representante do clero, um dos únicos a permanecer ao lado dos que sofrem. Este, lucido em relação à situação dos meninos, ajuda como pode, tentando levar conforto espiritual aos que necessitam. Logo, cativando o personagem Pirulito, inspira-o a seguir o que seu interior clamava: ser padre, sua única vocação. Apesar de suas atitudes, sabia que poderia tornar-se, um dia, um homem de bem, servindo a Deus. Desse modo, em outros termos, apesar do que fora constituído como “ser-em-si”, este sabia que a única coisa que poderia travar sua escolha, seria sua própria liberdade, sabia que a culpa não era deles, não estava acorrentado como o Professor. Sabia que poderia criar-se, esculpir-se segundo suas próprias pretensões, devido sua própria condição livre.

Com Pedro Bala, o líder do grupo, por diversas vezes ocorria o mesmo pensamento, como pode ser visualizado no trecho a seguir:

É uma desgraça ser pobre, disse um marítimo. Numa mesa pediram cachaça. Houve um movimento de copo no balcão. Um velho então disse: -- Ninguém pode mudar o destino. É coisa feita lá em cima -- apontava o céu. Mas João de Adão falou de outra mesa: -- Um dia a gente muda o destino dos pobres...

Pedro Bala levantou a cabeça, Professor ouviu sorridente. Mas João Grande e Boa-Vida pareciam apoiar as palavras do velho, que repetiu:

-- Ninguém pode mudar, não. Está escrito lá em cima  
-- Um dia a gente muda... -- disse Pedro Bala, e todos olharam para o menino.  
-- Que é que tu sabe, frangote? -- perguntou o velho.  
-- É filho do Loiro, fala a voz do pai, respondeu João Adão olhando com respeito.

-- O pai morreu pra mudar o destino da gente. Olhou para todos. O velho calou e também olhava com respeito. A confiança foi de novo chegando para todos (AMADO, 2009, p. 157).

Vislumbrava-se, então, as possibilidades para uma melhoria da situação da pobreza e do abandono infantil, bem como uma mudança na vida de tais meninos. Esta mudança, contudo, seria conquistada por meio da própria conscientização da situação vivida por estes, sendo realizada através da superação do “ser-em-si” para o “ser-para-si”, isto é, pelo rompimento/superação do passado e da memória destes meninos, para uma situação de plena liberdade, onde estes poderiam determinar-se ser e constituir o próprio destino.

Por meio de tal compreensão e logo após a trágica morte de Dora, os meninos passaram a repensar o que haviam constituído enquanto único destino, colocando a responsabilidade deste em suas próprias mãos, assim como o era desde o próprio

nascimento. Desse modo, individualmente, passaram a esboçar novos “para si”. Alguns deles, como o Gato, por exemplo, escolheram determinar o “em si” enquanto decisivo. Este tornou-se rico por ser um vigarista e um gígolô de mulheres. Boa-vida, tornara-se um malandro da cidade, sendo conhecido por tocar nas festas e quermesses. Volta Seca passou a lutar junto de seu padrinho Lampião. Pirulito, seguindo o que dizia ser sua vocação, torna-se frade de uma igreja.

A mudança que se quer ressaltar é a de Professor. Este, como visto anteriormente, acorrentara-se a situação que viviam, não permitindo pensar ser qualquer outra coisa. Contudo, após grandes acontecimentos durante a narrativa, acabou por não determinar limites às suas escolhas e a sua possibilidade de ser; logo, ingressou em uma escola de desenho e tornou-se um pintor reconhecido na cidade do Rio de Janeiro; em outras palavras, não havia nascido destinado a ser ladrão, a ser um malandro das ruas. Professor, torna-se, assim, o exemplo adequado de que ao estarmos condenados a sermos livres, através do exercício de nossa liberdade, podemos eliminar o passado enquanto um limite à nossa existência/ao nosso ser/à nossa essência, projetando um “para si” que despreza/supera o “em si”, visto que este não se constitui enquanto um determinante; o que determina, na verdade, é a nossa própria consciência, nossa própria liberdade.

No que diz respeito a Pedro Bala, este seguiu os caminhos trilhados pelo pai - o Loiro -, participando na intervenção de comícios, greves e lutas obreiras. Almejava “mudar o destino das outras crianças abandonadas do país” (AMADO, 2009, p. 255), visto que acreditava que, ao mudar a si mesmo, também mudava o destino dos outros. A revolução era a única capaz de dar liberdade às classes subalternas, era a voz que o guiava:

Voz poderosa como nenhuma outra. Voz que atravessa a cidade e vem de todos os lados. Voz que traz com ela uma festa, que faz o inverno acabar lá fora e ser a primavera. A primavera da luta. Voz que chama Pedro Bala, que o leva para a luta. Voz que vem de todos os peitos esfomeados da cidade, de todos os peitos explorados da cidade. Voz que traz o bem maior do mundo, bem que é igual ao sol, mesmo maior que o sol: a liberdade (AMADO, 2009, p. 254).

Desse modo, percebendo a possibilidade de uma nova forma de vir a ser, tais meninos passaram a responder pelos seus atos, bem como responsabilizar-se pelos seus próprios destinos. Esta responsabilização, contudo, já existia enquanto consideravam uma única possibilidade de ser, porém, a atribuíam exclusivamente aos elementos estruturais de seu passado, ao que a população ao redor também considerava. No

entanto, a partir da compreensão de que poderiam se desprender deste, de que poderiam mudar seu destino, de que suas escolhas responsáveis poderiam ser outras, tais meninos conceberam a liberdade enquanto condição humana.

Tal condição fez romper com o aprisionamento da consciência, sendo esta livre para eleger. O “ser-em-si” fora dissolvido/nadificado para grande parte dos meninos, que passaram a moldar-se segundo sua própria liberdade, constituindo suas essências, direcionando-se para o “ser-para-si”, isto é, para novos horizontes e possibilidades de ser. Nesse sentido, apesar do caminho traçado durante a narrativa ser marcado pela violação constante de direitos humanos de tais crianças e adolescentes, tais meninos passaram por um processo de rompimento com a má-fé que os impedia de seguir a diante, de conceber novos destinos.

Destaca-se que cada escolha “para si” de tais meninos, carrega o “em si”, mas estes tornaram-se livre das referências que o configurariam enquanto determinantes. As novas escolhas, desse modo, acarretarão em novos “em si”, em novas histórias que puderam ser constituídas com a livre consciência, com a condição humana do exercício da liberdade.

#### **4. Considerações finais**

O presente trabalho buscou realizar um diálogo entre a obra literária “Capitães da areia” de Jorge Amado com os pressupostos filosóficos de Jean-Paul Sartre acerca da liberdade. Como é possível assinalar, a obra literária, apesar de possuir mais de 70 anos de publicação, retrata ainda hoje, um cenário de meninos abandonados e infratores nas figuras de Pedro Bala, Professor, Sem-Pernas, Pirulito, dentre outros. O contexto pelo qual sobrevivem é marcado pela violência constante por parte do Estado e também, da própria população da cidade, sendo vistos como marginais, delinquentes e, muitas das vezes, como ladrões.

Amado (2009) retrata ainda a recorrência do confronto de classes, localizando os meninos infratores de um lado, e os poderosos do outro. Além do mais, o confronto existente entre religiões, apresentando o embate entre a Igreja Católica e o Candomblé, religião de matriz africana. Há, nesse entremeio, a resistência perante a mudança devido ao próprio acorrentamento aos condicionantes estruturais do passado e da memória destes meninos. Em outras palavras, durante a maior parte da narrativa, negam-se em

pensar que poderão ser mais do que ladrões, inexistindo qualquer poder de escolha em suas mãos.

Desse modo, o grupo de meninos se vê acorrentado em um mundo marcado pela violência e ausência de apoio, desconsiderando qualquer possibilidade de escolha de novos horizontes, de novos caminhos. Ser ladrão era o destino único a todos, sendo este inegável. No entanto, apesar dos condicionantes, os personagens acabaram mostrando-se avessos ao futuro que lhes aguardavam.

Ninguém imaginava que seriam capazes de encontrar o amor em pequenos gestos de carinho e atenção (Dora), de descobrir Deus através de ensinamentos e reflexões (Pirulito), de descobrir a pintura enquanto uma forma de realização de denúncias (Professor), de se tornarem malandros e violentos (Gato e Volta Seca), de optar pela morte em vez de se entregar à força policial (Sem-Pernas), de descobrir a liderança e a luta como forma de resistência à opressão vivenciada (Pedro Bala).

A liberdade, que tanto almejavam, passou a ser mais do que a liberdade das ruas, aquela em que se pode ir e vir de/para onde quiser; passou a ser a própria liberdade de poder escolher ser aquilo que jamais tinham acreditado ser possível. A liberdade individual tornou-se a condição pela qual puderam ultrapassar os limites postos pela própria consciência, limites estes determinados pela própria liberdade. Os meninos descobriram a liberdade de fazer escolhas responsáveis, isto é, de eleger ser conforme o que sua própria liberdade os permite, visto que esta é a única que pode estabelecer limites, sendo o indivíduo o único responsável por suas escolhas, por ser quem é.

Nesse sentido, ao estarem a mercê de sua própria sorte, reunindo-se em um microcosmo em que aprendem o crime e a necessidade de sobrevivência em grupo, estando também à margem de todo reconhecimento humano, Amado (2009) compreende que a liberdade deva ser defendida a qualquer custo, devendo ser ampliado as possibilidades de horizontes futuros através de um novo olhar a tais atores, bem como à própria liberdade; deve-se romper com o passado e as memórias constituídas enquanto limites e referências (“ser-em-si”), de modo a ir adiante, vencendo as dificuldades, isto é, permitir-se constituir o próprio destino (“ser-para-si”).

Logo, compreende-se que Amado (2009) soube explicitar de forma clara e surpreendente os pressupostos de Sartre sobre a liberdade, considerando-a enquanto condição humana, visto que somos condenados a sermos livres. O “ser-para-si” deve romper com o “ser-em-si”, nadificando-o, de modo que este não nos aprisione ao caos e aos condicionantes que podem estar contidos em nosso passado. Desse modo, “nada



deve parecer natural, nada deve parecer impossível de mudar” (BRECHT, *Nada é impossível de mudar*), visto que, por sermos absolutamente livres, somos inteiramente capazes de tornar nossa consciência livre dos limites postulados pela nossa própria liberdade.

## Referências

- AMADO, Jorge. **Capitães da areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- ARAÚJO, Jorge de Souza. **Dioniso & Cia. na moqueca de dendê**: desejo, revolução e prazer na obra de Jorge Amado. Rio de Janeiro; Relume Dumará; Salvador, BA: Academia de Letras da Bahia, 2003.
- BOECHAT, Neide. **As máscaras do cogito**: A interpretação da realidade humana pela ontologia fenomenológica de Jean-Paul Sartre. Rio de Janeiro, 2004.
- BORTOLOTTI, Marcelo. Passagem de Sartre pelo Brasil teve muita imprensa e pouca filosofia. **Folha de São Paulo**. Março de 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2013/03/1252007-passagem-de-sartre-pelo-brasil-teve-muita-imprensa-e-pouca-filosofia.shtml>>. Acesso em 21 dez. 2017.
- BUENO, Isaque José. **Liberdade e ética em Jean-Paul Sartre**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2007.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 2007.
- CAUBET, Rosa Alice. Sartre no Brasil. **Travessia**, n. 16, p. 234-246, 1989.
- COHEN, Marleine. **Infância roubada**. Obra-prima. S/d.
- DOS SANTOS, Danusa. **Literatura e leitura**: metamorfoses em capitães da areia. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Literatura e Diversidade Cultural. Universidade Estadual de Feira de Santana, 2009.
- KUSTER, Eliana. Moradores de cortiço, capitães da areia e cobradores urbanos: personagens excluídos da construção da ordem nacional. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 42, 2013.
- MATEO, Martha S. **Ontologia y etica en Sartre**. Argentina: Universidade Nacional de Tucuman, 1975.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falava Zaratustra**. Tradução de Mário da Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- PERDIGÃO, Paulo. **Existência e liberdade**: uma introdução à Filosofia de Sartre. Porto Alegre: L&PM, 1995.
- RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. Tradução de João Batista Kreuch. 4. ed., Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

SARTRE, Jean-Paul. **O Ser e o Nada** – Ensaio de ontologia fenomenológica. Tradução de Paulo Perdigão. 24. ed., Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

SAYÃO, Sandro Cozza. **Sobre a leveza do humano**: um diálogo com Heidegger, Sartre e Levinas. Porto Alegre, 2006. Tese (Doutorado em Filosofia). Pós-graduação em Filosofia da PUCRS, 2006.

SCHNEIDER, Daniela Ribeiro. Liberdade e dinâmica psicológica em Sartre. **Natureza humana**, v. 8, n. 2, p. 283-314, 2006.

SILVA, Franklin Leopoldo. Sartre e a ética. **Revista BioEthikos**, v. 4, n. 3, p. 269-273, 2010.